

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTICIÁRIO BIBLIOGRÁFICO. MARTIN ALMAGRO BASCH - PRE-HISTORIA.

CARDOSO, Mário

Ano: 1961 | Número: 71

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Noticiário Bibliográfico. Martin Almagro Basch - Pre-historia. *Revista de Guimarães*, 71 (3-4) Jul.-Dez. 1961, p. 470-473.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

económicos, militares, religiosos, culturais, etc., ocorridos dentro de cada período da civilização do mundo clássico.

Textos desenvolvidos, correspondentes também a cada uma destas divisões da história da Grécia e de Roma, completam, em pormenor, os informes que de um modo geral nos dão directamente as imagens e os mapas, com suas legendas.

Diversos estudiosos especializados colaboraram na elaboração deste Atlas, uns na parte propriamente histórica, outros na coordenação dos mapas, na literatura clássica, etc., prestando igualmente o seu concurso ao editor muitos organismos e instituições científicas, museus, bibliotecas, academias, etc., de vários países.

O volume termina com um minucioso índice onomástico remissivo para as ilustrações e mapas, e com três páginas de notas às gravuras.

Uma obra desta amplitude não pode deixar de acusar uma ou outra deficiência ou lapso, e à edição alemã alguns lhe foram apontados pelo cientista Dr. Konrad Schubring, da Academia das Ciências de Berlim, numa recensão publicada na «Deutsche Literaturzeitung» (Ano 82, fasc. 9, Set.º de 1961, p. 795-799). Contudo, os serviços que um Atlas desta natureza indiscutivelmente presta aos estudiosos superam bem as faltas que se lhe possam encontrar.

A edição é irrepreensível quanto à sua apresentação gráfica, e contém numerosas gravuras de página, magnificamente impressas, muitas delas reproduzindo aspectos ainda inéditos de diversos monumentos e lugares, destacando-se as fotografias aéreas das ruínas dos mais famosos centros urbanos e paisagens do mundo clássico.

Martin ALMAGRO BASCH, **Prehistoria**, tomo I do «Manual de Historia Universal». Ed. Espasa-Calpe, Madrid 1960, 918 páginas 17×24 cm., 944 figuras, 8 estampas coloridas, 19 quadros, 13 mapas.

A conhecida editorial madrilenha Espasa-Calpe iniciou a publicação de mais uma obra de grande vulto, um «Manual de História Universal», e entregou a elaboração do 1.º tomo, sobre Pré-história, ao erudito cientista Dr. Martin Almagro, Professor da Universidade Central de

Madrid e Director do Instituto Español de Pré-história, da mesma cidade.

Era este, naturalmente, o autor mais indicado em Espanha para o pesado encargo de um tratado desta natureza, pois a sua actividade literária, capacidade de trabalho e alta competência científica estão de há muito sobejamente comprovadas através de várias obras de tomo, de igual índole, das quais tem sido o obreiro incansável e diligente. Podemos citar, por exemplo, a sua *Introducción a la Arqueología*, volume publicado em 1941, quando o autor já era então catedrático da Universidade de Barcelona e director do esplêndido Museu Arqueológico de Montjuich; a sua *Prehistoria del Norte de Africa y del Sáhara Español* (Barcelona, 1946); a sua colaboração na série «Ars Hispaniae» com o capítulo sobre *Arte prehistorica* (Madrid, 1947, vol. I, p. 13-133); a sua colaboração na «História de España» dirigida por Menendez Pidal, com os capítulos sobre *El Paleolítico Español* (Vol. I do tomo I, 1947, p. 245-485) e sobre *La invasion céltica en España* (Vol. II do tomo I, 1952, p. 3-308); o estudo sobre *El covacho con pinturas rupestres de Cogul (Lerida)*, em 1952; a sua intensa colaboração na Revista «Ampurias», e enfim os seus numerosos artigos, opúsculos de menor tomo, sobre a Pré-história da península Ibérica, tais como, *Origen y formación del pueblo hispano* (Barcelona, 1958) e *Introducción al estudio de la Prehistoria* (Madrid, 1960).

Exemplo frisante nos dá com esta actividade intelectual o Sr. Professor Almagro de como em Espanha os mestres catedráticos tomam a sério as suas funções didácticas e responsabilidades inerentes, e se preocupam em criar discípulos, pondo à sua disposição manuais e tratados que elaboram, para devidamente os orientarem sem necessidade de recorrerem à bibliografia estrangeira ao contrário do que entre nós acontece.

O Prof. Almagro dividiu este seu novo e volumoso tomo de Pré-história nos seguintes dois grandes ciclos, onde condensou os seus vastos conhecimentos do assunto:

I — *Culturas dos povos caçadores*, tratando o problema desde a origem da espécie humana até o final do Paleolítico, e dedicando capítulos especiais à arte do Quaternário, à arte rupestre do Levante espanhol e à Pré-história da Ásia e da África, faltando-lhe porém um capítulo, como supomos seria de esperar, referente à Pré-história americana;

II — *Culturas dos povos agricultores, ganadeiros, e metalúrgicos*, incluindo aqui naturalmente o Neolítico, a Cultura megalítica e as Idades do Bronze e do Ferro.

Por último, dá-nos um panorama geral da Cultura germânica, até o período dos Viquingues, das invasões dos povos asiáticos, da Cultura eslava e das Culturas do Oriente da Europa e da Ásia Central.

Neste denso Manual, o autor põe naturalmente em relevo mais destacado tudo quanto se refere ao seu próprio país, a Espanha, a cujas Culturas pré-históricas alude com mais detalhado e seguro pormenor, sem dúvida por o seu estudo lhe ser mais familiar.

Também, no que se refere a Portugal, o Prof. Almagro se detém, por vezes, com certa extensão. Dedicar, por exemplo, algumas páginas às estações de indústrias epipaleolíticas da bacia inferior do Tejo e do Sado. Consagra igualmente umas observações à nossa Cultura megalítica, acerca da qual toma uma posição oposta à de Bosch-Gimpera, Luis Pericot, Mendes Correia e outros, continuando a não considerá-la uma cultura autónoma, de origem portuguesa, mas sim como resultante de uma cultura trazida por invasores orientais mediterrâneos, da qual teriam derivado os núcleos do interior do nosso país, da Estremadura e de Salamanca. Refere-se também especialmente à estação de Vila Nova de S. Pedro, e, muito de passagem, cita a nossa arte esquemática rupestre, que nos parece deveria merecer-lhe maior demora. Salienta a impotência e marcada personalidade que entre nós assumiu a Idade do Bronze, que, no seu período final, é documentada pela riqueza de muitos achados, incluindo a joalharia áurea.

Quanto à Idade do Ferro, engloba Portugal em duas regiões de personalidades culturais distintas: o centro e sul, na região constituída pela zona da Península que abrange as duas mesetas, o maciço ibérico, o Alto Ebro e a Estremadura; a parte a norte do Douro inclui-a na região do Noroeste da Península, mas à importante Cultura dos «castros», típica desta região, poucas palavras dedica. Igualmente alude por alto à Pré-história das nossas províncias ultramarinas de Angola e Moçambique, já actualmente documentadas entre nós com numerosos estudos.

Este Manual está largamente enriquecido com

imagens, mapas, quadros sinópticos, etc. Insere um índice sistemático de assuntos, e, no final de cada capítulo, contém a principal bibliografia que lhe diz respeito.

Manuel CHAMOSO LAMAS, **Santiago de Compostela**, N.º 27 das «Guias Artísticas de España», dirigidas por José Gudiol Ricart. Ed. Aries, Barcelona 1961. 200 páginas de 11,5 × 165, cm. Numerosas fotografuras e uma planta topográfica da cidade.

Ao Snr. Dr. Manuel Chamoso Lamas, Comissário da 1.ª Zona do Serviço de Defesa do Património Artístico Nacional de Espanha, devem muitos dos monumentos arqueológicos, históricos e artísticos do país vizinho desvelados cuidados e constante protecção.

Escritor e crítico de Arte, historiador e arqueólogo, o Dr. Chamoso Lamas trabalha com incansável e exaustiva actividade na defesa, protecção e conservação dos monumentos situados na zona confiada a seu cargo, não apenas por um dever profissional a cumprir, mas com o entusiasmo e a paixão dos que fazem da vida um apostolado de devoção por um ideal superior, compenetrados de que só é verdadeiramente proficuo e útil o trabalho realizado com amor.

Mas não foi apenas pela sua dedicação espiritual que lhe entregaram a vigilância e zelo dessas venerandas relíquias de um passado glorioso, pois também pela sua excepcional competência técnica e artística o Dr. Chamoso Lamas foi encarregado de presidir à conservação e restauro dos monumentos que a inclemência dos séculos e a incuria dos homens danificaram ou votaram ao abandono.

De facto este erudito estudioso e meritório investigador tem dedicado todo o seu esforço ao serviço da Arquitectura monumental do seu país, dessa Espanha tão excepcionalmente rica de manifestações de superior beleza e de criações artísticas.

Quando, em 1958, tivemos ocasião de visitar em Madrid, no Palácio de Exposições do Parque do Retiro, a interessantíssima Exposição intitulada «Veinte años de Restauración Monumental», organizada pela Direcção Geral de Belas Artes, ficamos surpreendidos com essa brilhante documentação da extraordinária quantidade de obras, onde o Estado despendera milhões de pesetas, leva-